

## Imagens de controle, “Maria”, “Eva” e “Salomé”: opressões intersectadas de raça, gênero, sexualidade e classe no discurso sobre as (in)desejáveis de Gustavo Barroso (1916-1920)

Control images, “Maria”, “Eva” and “Salomé”: intersecting oppressions of race, gender, sexuality and class in the discourse on the (un)desirables of Gustavo Barroso (1916-1920)

Elynaldo Gonçalves Dantas\*

**Resumo:** Buscamos neste artigo analisar como o político-intelectual Gustavo Barroso, em meados da década de 1910, operacionalizou discursivamente certas imagens de controle sobre a mulher brasileira (in)desejada para o seu projeto de nação, com o objetivo de reforçar determinados roteiros sociais marcados pela opressão interseccionada de gênero, classe e raça, participando assim da edificação da estrutura que historicamente silencia, desumaniza e suprime esse outro bem específico da sociedade brasileira que quer se dizer e se fazer ver branca-patriarcal e eurocentrada: as mulheres.

**Palavras-chave:** Gustavo Barroso; Imagens de controle; indesejáveis.

**Abstract:** We seek in this article to study how the political-intellectual Gustavo Barroso, on March 19, 2010, discursively operationalized certain images about the Brazilian woman (desired for his nation-strengthening project, with the marked of specifics by the Brazilian woman) intersected oppression of gender, class and race, thus participating in the construction of the structure that historically silences, dehumanizes and suppresses that other specific good of Brazilian society that wants to say and makes itself seen white-patriarchal and Eurocentric: women.

**Keywords:** Gustavo Barroso; Control Images; undesirable.

### Introdução

Neste artigo buscamos problematizar como Gustavo Barroso operacionalizou a construção simbólica de um *Outro* bem específico da sociedade brasileira que quer

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará.

se dizer e se fazer ver branca-patriarcal e eurocentrada: as mulheres. Sejam as mulheres migrantes, as mulheres brancas ou as mulheres negras, o discurso barrosiano participou do processo de construção da identidade nacional, através de mecanismos de exclusão, ocultação e construção desse *Outro*, que influenciou na forma com que essas mulheres serão lidas e tratadas pelo restante da sociedade, sobretudo pela população masculina branca, ou seja: excluídas do gozo da liberdade, igualdade e até mesmo da vida, partindo do pressuposto de que as mulheres, por sua natureza, pertenciam à família enquanto instituição natural, e não social, e no caso das mulheres negras, negando-lhes, ainda, a humanidade.

Então, se faz necessário apresentarmos em linhas gerais quem foi Gustavo Barroso de modo a destacarmos a importância do referido intelectual no cenário brasileiro. Gustavo Adolfo Luíz Guilherme Dodt da Cunha Barroso nasceu na cidade de Fortaleza, Ceará, no dia 29 de dezembro de 1888. Na década de 1910 se muda para a capital do país, Rio de Janeiro, onde conclui o curso de Direito em 1912 em concomitância à sua atividade de escritor e redator de jornais e revistas como *A Careta*, *Tico-Tico*, *Fon-Fon* e *Jornal do Commercio*, mesmo ano em que publica seu primeiro e renomado livro, “*Terra de Sol*”. Em 1914 é eleito deputado federal pelo Ceará na legenda do Partido Republicano Conservador, seu mandato (1915-1918) é marcado por discursos e propostas contra a seca, pelo seu projeto de lei contra a entrada no Brasil de pessoas consideradas indesejadas, por seu ingresso na comissão de Marinha e Guerra e pelo projeto dos Dragões da Independência.

Nos anos posteriores a década de 1920, Barroso galga cada vez mais espaço nos círculos intelectuais do país, vindo a ser diretor do Museu Histórico Nacional e membro da Academia Brasileira de Letras. Na década de 1930 ingressa nas fileiras da Ação Integralista Brasileira, onde se destaca como ideólogo e por sua posição antissemita e anticomunista e por liderar as milícias integralistas (DANTAS, 2015). Vindo a falecer em 3 de dezembro de 1959 na cidade do Rio de Janeiro.

Em nossa empreitada trabalharemos com escritos de Gustavo Barroso publicados em livros e artigos de jornais entre os anos de 1916 e 1920. São eles, os artigos publicados na: *FON-FON*<sup>1</sup> “*Ganhar dinheiro*” (1916), “*Frangotes*” (1917); a

---

<sup>1</sup> Revista ilustrada semanal fundada por Jorge Schmidt na cidade do Rio de Janeiro em 13 de abril de 1907, e extinta em agosto de 1958. A presença marcante de fotografias, charges e caricaturas coloridas, e o recurso às técnicas de ilustração, litografia e xilografia traduziam visualmente a identificação com

charge “*O voto a's mulheres: quadros de futuro*”, publicado no *O MALHO* (1917)<sup>2</sup>; e alguns contos publicados no livro *A RONDA DOS SÉCULOS* (1920)<sup>3</sup>. Bem como com seu projeto de lei de 1916, apelidado de “Os indesejáveis”. Por meio dessas fontes elencadas é que iremos problematizar como Gustavo Barroso operacionalizou a construção simbólica das mulheres por ele (in)desejadas.

Para seguirmos em nossa análise, entre outros autores trabalhados neste artigo, destacamos o conceito de *Imagens de Controle* elaborado por Patricia Hill Collins (2019) em seu livro *Pensamento Feminista Negro*. A socióloga estadunidense mobiliza tal conceito enquanto uma categoria de análise para apontar determinados lugares em que as opressões operam se articulando a partir de padrões estabelecidos no interior da cultura ocidental branca eurocêntrica de forma a controlar o comportamento e os corpos de mulheres, principalmente negras, obstaculizando os processos de subjetivação dessas mulheres, sua autonomia e o exercício da cidadania.

Entre algumas características apontadas por Patricia Hill Collins podemos elencar que as *Imagens de Controle* têm: uma dinâmica não fixa, portanto mutável a depender das dinâmicas sociais; não são só destinadas às mulheres negras, mas a todos os grupos (por exemplo, homens brancos, mulheres brancas, homens negros, indígenas) e todos eles tem imagens fabricadas dentro de uma estrutura de opressão que recaem sobre eles próprios; as imagens de controle nem sempre serão articuladas sob pressupostos negativos, sendo possível existir imagens de controle organizadas a partir de comportamentos e aspectos considerados positivos, mas que ainda assim são prejudiciais à autodefinição das mulheres, porque são formuladas sob o viés de uma definição externa (BUENO, 2019). Tal conceito difere da noção de *estereótipo*, pois este conceito se refere às ideias que são erradas, falsas imagens, sobre

---

valores da modernidade. Durante o período analisado entre outros aspectos fazia parte do repertório temático de *Fon-Fon* os costumes e o cotidiano carioca e as novidades do mundo europeu. Entre alguns nomes de destaque que colaboraram com a revista, podemos destacar: Gustavo Barroso, Mario Sette e Oscar D’Alva.

<sup>2</sup> Revista ilustrada de sátira política, que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1902 e 1954. Publicada semanalmente, ficou famosa por suas charges e caricaturas que ironizavam a política nacional. Entre alguns de seus colaboradores podemos citar Olavo Bilac e Guimarães Passos.

<sup>3</sup> Embora publicado apenas em 1920, o livro é iniciado durante o seu mandato como deputado federal, como dito por ele próprio no referido livro. No livro *A Ronda dos Séculos*, Gustavo Barroso divide a história da humanidade por eras que se iniciariam numa determinada “Pré-história” passando pela Antiguidade Clássica, Idade Média, Modernidade, seus dias atuais de escrita, e finaliza com uma projeção de futuro. Formando um apanhado de contos que buscam, a partir de um entendimento da história humana como linearidade, que mantém, como elo e *ethos*, a guerra e o princípio do homem como um ser de conflito, construindo uma determinada ideia de nação (DANTAS, 2021).

determinados grupos, sendo que a questão da precisão das imagens de controle não é o ponto central de Patricia Hill Collins, mas sim, o buscar entender como as pessoas usam essas *imagens de controle* de forma interconectada e de forma estrutural, como roteiros sociais para construir determinadas realidades em que o controle, a partir das imagens, pode ser externo (como um grupo humano nota o outro) ou podem ser internos (como determinados grupos chegam a acreditar nessas imagens sobre si mesmas, internalizando-as), o que serve a uma dinâmica de poder que molda diversos tipos de violências.

Resumidamente, na obra *Pensamento Feminista Negro*, Patricia Hill Collins fundamenta sua análise por meio de quatro imagens de controle sobre as mulheres negras, são elas: a mula, a jezebel, a *mammy* e a *black lady*. A mulher mula é a que trabalha como um animal submisso. A jezebel é uma mulher hipersexualizada, uma devoradora sexual, a *mammy* é a empregada doméstica que dedica sua vida ao emprego e a fornecer lealdade, cuidado e conforto para os seus patrões, já a *black lady* é a mulher negra que abandona a própria família, em prol de uma carreira em altos cargos.

É a partir dessa grade de pensamento, que coloca as imagens de controle como parte de uma ideologia de dominação que nomeia, caracteriza e atribui significados sobre vastas camadas populacionais, que identificamos no discurso barrosiano. A existência de determinadas imagens de controle que remetem a algumas das imagens trabalhadas por Patricia Hill Collins, ao incidirem sobre as mulheres, com o objetivo de coisificar e desumanizá-las, de forma a controlar seus corpos e comportamentos, bem como fixar uma estrutura que historicamente silencia, oculta e suprime a cidadania dessas mulheres.

Sendo assim, buscaremos mostrar como Barroso participou da construção dessas imagens sobre as mulheres imigrantes, as mulheres de classe média brancas e sobre as mulheres negras, a partir de uma operação discursiva que reforçou os lugares sociais de opressão interseccionado em gênero, classe e raça. Trabalharemos, assim, com certas imagens de controle que chamaremos de: “Maria”, mulheres enquanto seres submissos e feitos para o lar; “Eva”, condição feminina que traz em seu âmago a tentação e a traição; e por último a “Salomé”, imagem de controle da mulher negra sexualmente agressiva. Ressaltemos que essas imagens muitas vezes se

interpelam, estão interconectadas, e produzem um pressuposto hegemônico de feminilidade (in)desejada.

Usamos tais imagens de controle muito próximos ao que Hill Collins trabalha em sua obra já referenciada. A diferença em nossa abordagem é que adotamos esses termos a partir de uma premissa própria de Gustavo Barroso, que recorre à tradição bíblica em seus escritos como forma de aproximar sua leitura do cristianismo com a realidade brasileira. Caso salutar desse uso é a imagem da mulher negra exacerbadamente sensual, agressiva e vingativa enquanto “Salomé”, muito próximo ao que Hill Collins trabalha em sua obra conceituando de “Jezebel”. Como procuraremos mostrar, Gustavo Barroso operacionaliza a imagem dessa personagem bíblica tradicionalmente chamada por esse nome e conhecida por sua perfídia e por usar o dom da sedução e erotismo para conseguir a sua vingança, para atribuir às mulheres negras, a partir da história de Xica da Silva, esse mesmo roteiro social.

### **A feminilidade branca (in)desejável na escrita barrosiana**

Começamos pela sua produção discursiva sobre as mulheres imigrantes. Não era, em começos do século XX, novidade a migração de mulheres, desde a intensa movimentação humana na segunda metade do século XIX, gerada por transformações sociais, demográficas, econômicas e políticas que afetaram principalmente a Europa e algumas regiões da Ásia (exemplo o Japão) e facilitadas por inovações científico-tecnológicas, aumentou bastante o número de mulheres migrantes para o Brasil, que em fins do século XIX e começo do XX, passaram a incentivar a vinda de famílias brancas-europeias em um projeto de progresso que visava a implantação de uma política de higienização social, com foco na expansão da economia cafeeira, de povoação de território nacional com a colonização agrícola baseada nas pequenas propriedades rurais e dos primeiros passos no desenvolvimento industrial nos centros urbanos. Tais iniciativas voltadas principalmente ao eixo Sul e Sudeste do País. Portanto, um processo migratório em busca de braços aptos para o mercado e entendido enquanto masculino e familiar (BASSANEZI, 2012, p. 169).

Dentro desse processo muitas mulheres passaram a aportar ainda mais no Brasil acompanhadas de seus familiares, mas muitas também sozinhas ou com

apenas seus filhos no colo. Em sua grande maioria eram mulheres pobres, analfabetas ou semialfabetizadas de áreas rurais, trazendo em suas malas a cultura e os valores de sua terra de origem, não só em busca de uma vida economicamente melhor, mas também em busca de independência, fugindo dos traumas da violência doméstica, discriminações (BASSANEZI, 2012, p. 169), da guerra.

Nas áreas rurais elas seguiram trabalhando nas plantações de café, na agricultura de subsistência, nas sedes das fazendas como copeiras, cozinheiras, costureiras, além da dupla jornada em seus próprios lares com os afazeres domésticos e com a educação dos seus filhos. As que optaram, seja junto com suas famílias ou sozinhas, pela vida nas cidades, se dedicaram a muitas outras atividades, como artesanato e comércio, costura, moda, armarinhos, confecções, barracas de feiras e quitandas entre outros empreendimentos que, quase sempre, eram extensão de suas próprias casas. Serviços de domésticas, enfermeiras em hospitais, professoras também foram bastante procurados e em menor caso pintoras e atrizes. As imigrantes também ajudaram a engrossar as fileiras das primeiras indústrias do País, fossem nas têxteis, fossem nas fábricas de fumo, de sabão e de calçados (BASSANEZI, 2012, pp. 170-172).

Nessas fábricas elas se deparavam com condições precárias de trabalho, estando submetidas aos maus-tratos dos patrões, mestres e contramestres, submetidas a funções menos qualificadas e longas jornadas de trabalho o que suscitou muita resistência da parte delas.

Outras tantas imigrantes foram seduzidas pelas ofertas tentadoras de se fazer fortuna em outro País e, aqui chegando, (muitas vezes de forma clandestina) terminaram por se verem iludidas por homens ligados ao tráfico internacional de mulheres, sendo então obrigadas a se prostituírem. Mas nem todas as profissionais do sexo chegaram a esse ofício por engano, algumas foram por conta própria e outras poucas conseguiram se tornar donas de prostíbulos (BASSANEZI, 2012, pp. 171-172). Mas, no geral, todas elas estiveram sujeitas aos maus-tratos e violências de uma sociedade pensada no e para o domínio masculino.

Como nos mostra Maria Sílvia Bassanezi, a partir dos processos crimes das imigrantes que então desembarcavam principalmente nas regiões Sul e Sudeste do País, o que se pode perceber em comum entre as imigrantes do campo ou da cidade que lutavam por uma vida melhor no Brasil foi uma trajetória de luta diárias pela



sobrevivência financeira e pela própria vida que se tornava alvo de uma sociedade patriarcal que lhes dirigiam agressões físicas e psicológicas dos mais variados tipos, em que muitas “mulheres imigrantes enlouqueciam e acabavam internadas em sanatórios ou que, desgostosas, morriam precocemente” (BASSANEZI, 2012, p. 177).

Um outro grupo de mulheres migrantes de várias idades, solteiras, viúvas sozinhas ou com filhos de menor idade, fugindo dos desastres da Grande Guerra (1914-1918) ou mesmo da violência doméstica a que eram submetidas em seu país de origem, escolheram o Brasil como um novo lugar para recomeçar suas vidas. E é justamente como forma de se contrapor à essas mulheres que a política migratória barrosiana, intersectada em seu aspecto de gênero, raça e classe, se volta a partir do projeto de lei sobre indesejáveis. Observemos o referido projeto em seu artigo primeiro:

Art. 1º. O Governo Federal impedirá a entrada no territorio da Republica aos individuos de nacionalidade estrangeira, cegos, surdos-mudos, paralyticos, enfermos de molestias contagiosas ou incuraveis, mutilados do braço direito, de ambos os braços ou ambas as pernas, idiotas, imbecis, alienados mentaes de qualquer especie, criminosos condemnados nos seus paizes de origem, mendigos, ciganos, **mulheres sós, viuvas com filhos menores de 16 annos**, homens maiores de 60 e menores de 16.

Art. 2º. Ficam exceptuados dessa prohibição:

[...]

c) as mulheres sós, desde que provem qualquer das seguintes condições:

1º, vir para a casa de sua familia domiciliada no Brazil;

2º, vir para emprego ou collocação determinado;

3º, ter rendimentos proprios;

4º, documentando profissão honesta, trazer 200\$ ouro; quantia suficiente para as primeiras despesas antes de encontrar collocação;

f) as viuvas com filhos menores de 16 annos que estiverem nas seguintes condições:

1º, possuam rendimento proprio;

2º, venham para a casa de sua familia já domiciliada no paiz;

3º, tendo profissão certa, tragam 400\$ ouro, quantia destinada ás despesas de primeira instalação; (BRASIL, 1916, p. 234, grifo nosso).

Misógino e classista, o projeto de lei liga mulheres sós, viúvas com filhos menores de 16 anos a um grupo bem específico (ciganos, idosos, desvalidos, mutilados, doentes) de pessoas consideradas ineptas ou incapazes de edificar o País. Exceção àquelas que comprovarem rendimentos ou uma base familiar que lhe sustente, dessa forma a permanência dessas mulheres estava condicionada a normas “legais”, que levavam em consideração as condições econômicas das mulheres, seu grau de independência financeira, ou uma vida tutelada pela família, reforçando o

papel social de dependência e de fragilidade da mulher que no seio familiar patriarcal encontraria a salvaguarda da sua “honra”, do seu sustento e da sua própria vida.

Fato esse que reitera o roteiro social da mulher incapaz, frágil, desprotegida a ser assegurada pelo homem e pela unidade familiar patriarcal entendida enquanto instituição natural, dado que até sua segurança financeira se daria através do casamento heteronormativo. Imagem de ser feminino que aqui denominamos de *Maria*, desejada por Gustavo Barroso para fazer parte de sua nação patriarcal. Para o jovem deputado, mulheres sozinhas ou apenas com seus filhos, sem o amparo familiar ou uma renda certa, viriam apenas a onerar o Estado e degenerar moralmente a nação, pois se seriam incapazes de se proverem sozinhas quiçá ajudariam ao progresso do País, tendo por fim certo o ingresso nas fileiras da mendicância, do roubo e da prostituição, ou seja, dos párias da sociedade republicana que se projetava enquanto civilizada.

Tal premissa do pensamento barrosiano lançado sobre a mulher imigrante acaba por reforçar a imagem geral da ideologia masculina dominante voltada às mulheres entendidas enquanto sozinhas, mães solteiras ou viúvas, evidenciando assim, a partir de uma operação binária de construção do *Outro*, o mecanismo de fabricação de uma imagem que tipicamente representa a mulher como sinônimo de cuidado e submissão e o homem enquanto provedor, peça basilar da família tradicional.

Quando essa imagem de controle sobre o corpo e o comportamento da mulher incide sobremaneira na mulher imigrante pobre, temos uma opressão intersectada de gênero, raça e classe, funcionando, retórica e politicamente, na elaboração de uma realidade excludente que alcança a mulher num aspecto geral ao reforçar o papel social de incapacidade e submissão delas, tornando o acesso à cidadania ampla propriamente um domínio masculino. Dessa forma, além de excluir estrangeiras da comunidade nacional, o projeto do deputado Gustavo Barroso também introduz desigualdades formais entre nacionais que afetam particularmente as mulheres, inserindo-se, assim, segundo Stolcke (2002, p. 416), em um conjunto de leis de nacionalidade que configuram a reprodução nacional de formas muitas vezes vinculadas ao gênero.

Façamos notar assim o aspecto burguês dessa lei, na qual o patriarcado é reinventado pelo Capital, pois se numa sociedade patriarcal ideal(izada) a mulher



branca estaria presa ao lar e aos serviços domésticos, na sociedade moderna, em que Barroso vive e dialoga, a comprovação de renda da mulher se torna um elemento central para sua admissão, ressaltamos que segundo o projeto de lei sobre indesejáveis ela deveria ter trabalho ou alguma renda da qual sobreviva para passar a morar no Brasil.

Na equação barrosiana para a elaboração do referido projeto de lei, temos a seguinte fórmula: Sem renda, sem cidadania, pois não se encaixaria dentro dos padrões considerados aceitáveis para a sociedade patriarcal burguesa. Nesse ponto, a questão de classe da mulher imigrante se conecta a situação de demais atores considerados indesejados, pois improdutivos economicamente e tidos como um peso para o Estado, tais como idosos, crianças, mutilados e ciganos (a inserção destes últimos na lista de indesejáveis acreditamos ser por causa do seu modo de vida nômade sem estabelecer vínculos, principalmente, empregatícios). Temos assim no projeto de lei apelidado de: “os indesejáveis de Gustavo Barroso”, uma expressão manifesta dos interesses burgueses conectados com valores patriarcais. São as cercas do capital e do patriarcado que Barroso mobiliza e ergue para excluir, para manter afastadas do país as pessoas consideradas indesejáveis.

Dessa forma, depreendemos, a partir do projeto de lei sobre indesejáveis, que para Gustavo Barroso o papel social desejável e reservado às mulheres “de classe” seria o de mãe, submissa e do lar – *Maria* – “serva do Senhor”... Mas esse “senhor” pode ser “o” (esse artigo no masculino é fundamental) Capital, chave de entrada não só para o País, mas para uma camada bem específica da sociedade.

Mas, como essa imagem de controle, que articula uma dada feminilidade ideal, aparece em outros momentos do pensamento barrosiano, conectando-se com outras imagens e ajudando a sedimentar um roteiro, a partir do qual a sociedade irá visualizar e tratar as mulheres? Antes de mais nada, quando falamos em feminilidade ideal articulada por Barroso, estamos nos referindo especificamente às mulheres brancas, o que construirá, em vias de sua lógica binária, o seu *Outro*.

Importante destacar que o tipo brasileiro ideal que Gustavo Barroso articula em sua narrativa é predominantemente masculino “membruda raça brasileira, de cruzamento útil e digno, caracterizando-se no aspecto varonil, na côr, na altura [...] fazendo esquecer a mestiçagem fracalhona, e banal, e estúpida” (FON-FON, 16 set. 1916, pp. 19-20), portanto são padrões heteronormativos, desejados por Barroso para

compor uma raça viril, rija. A mulher branca é assim o receptáculo “util e digno”, do qual o cruzamento decorrerá uma “raça membruda”, livre da mestiçagem com “raças inferiores”. A mulher branca na narrativa barrosiana é apenas um objeto para determinado fim: “cumpra-se em mim segundo a tua palavra”.

No conto “Frangotes”, os personagens Jotaenne e Claudio França, observam no *ground* da rua Guanabara, as moças a desfilarem em seus lindos vestidos, atentos a cada detalhe do comportamento dessas moças “bonitas e elegantes”, ao “branco de sua pele, as linhas do corpo e o formato dos lábios, a cor dos olhos e a dos cabelos” (FON-FON, 24 mar. 1917, p. 19).

Aos bandos e com rumurosa ledice, invadiam a estação, suja e decrepta, lindas mocinhas entre 15 e 16 anos, cheias de viço e de frescor, flores humanas, dôces ao olhar como uma paisagem de Corot e tons (?) dôces de ouvir que uma musica de Chaminade. Sob a sombra violeta e oiro dos seus grandes chapéus ornados de flôres ou cysnes, apertadas no corpete vasto com um ligeiro decote mostrando a limpidez perturbadora da nascença do collo e deixando vêr quatro dedos de nuca empoada abaixo daquelles encantadores cachos que alli se enroscam como a serpente paradisiaca, iam e vinham com ondulações das saias curtas e largas a exhibirem as meias de seda fina perdendo-se nos sapatinhos da Borrallheira ou os canos luzidios das botinas de verniz, que lhes davam qualquer coisa das bellas camponezas dos arredores de Budapest ou das proximidades de Kiew.

Paravam, andavam, moviam-se copiando as attitudes daquelles *manequins* de Paris, que nas fitas do Pathé-Jornal, expõem as lindas modas de França. E todas respiravam nos gestos, na voz como que ainda corada pelo carmim dos lábios, essa deliciosa futilidade das mulheres, que é o seu maior e o seu verdadeiro encanto. (FON-FON, 24 mar. 1917, p. 19).

As mulheres desejáveis desse conto, como animais, andam em bandos. Sozinhas? Nunca. Como vimos, mulheres sozinhas são seres indesejáveis. Em sua narrativa as mulheres não são pessoas, são “flores humanas”. A imagem dessa metáfora pode evocar vários sentidos: beleza, mensageira de determinados sentimentos humanos, mas também tem a função de objetificação, no qual as mulheres estão dispostas em um campo, frágeis, prontas para a contemplação e/ou colheita. A flor também evoca o sentido de sua função natural que é a reprodução de um grupo de plantas floríferas que os botânicos denominam angiospermas. Nome que deriva dos termos gregos *angios*, que significa “vaso” e *sperma*, “semente”.

A função social dessas mulheres, segundo Barroso e sua lógica patriarcal, é o de membro da fauna/flora, com papel de reprodutora submissa. Elas desfilam com suas roupas e gestos opacos, que remetem a uma determinada classe social e a um padrão eurocêntrico de beleza e comportamento, mas não escutamos sua voz, elas

não têm aspirações outras que não uma suposta vocação natural de ser mãe. Desejos, sonhos, medos, prazeres? Tudo silenciado em sua escrita, seguindo o roteiro social de submissão ao ser masculino.

Barroso mobiliza sobre “as mocinhas” a metáfora das “flores humanas”, justamente por seus encantos que trazem também o gérmen da perdição bíblica que é a tentação e a traição. Estamos falando assim da imagem de controle da *Eva*. Com “limpidez perturbadora da nascença do collo e deixando vêr quatro dedos de nuca empoadada abaixo daquelles encantadores cachos que alli se enroscam como a serpente paradisiaca”. O homem segundo a mitologia cristã havia sido criado a imagem e semelhança de Deus, e a mulher, Eva, feita da própria costela de Adão, seria sua companheira. E justamente no momento em que Eva estava sozinha, portanto, frágil, a serpente (o mal sempre à espreita) lhe convence a comer do fruto proibido, tentação que ela passa ao homem e, a partir daí, dá-se a queda do paraíso. No conto barroso, a mulher não é só a tentação, ela é a própria serpente paradisiaca e perturbadora que pode levar mais uma vez à queda do homem. À mulher branca de classe média-alta só cabe o papel social, sempre vigiada, de submissão e procriação.

Essa desigualdade social construída historicamente já vinha, pelo menos desde meados do século XIX, sendo combatida por várias mulheres que se organizavam na resistência ao papel social a que eram destinadas pela sociedade patriarcal, entre essas mulheres podemos destacar a atuação da norte-rio-grandense Nísia Floresta<sup>4</sup>, enquanto defensora da luta por direitos à educação e ao trabalho feminino. Principalmente a partir da década de 1870 se observa a forte difusão de uma imprensa feminina ou dedicada à causa da emancipação feminina<sup>5</sup>.

As principais pautas da luta pela emancipação feminina entre o século XIX e o começo do XX, foram: a luta pelo direito à educação, à profissionalização e ao voto feminino. Essas bandeiras foram empunhadas principalmente por uma minoria que era heterogênea e polifônica em seus discursos, mas que tinha em sua constituição uma maioria de mulheres brancas, instruídas, pertencentes a um estrato médio da sociedade, portanto um movimento feminino e/ou feminista que exhibe hierarquias de

---

<sup>4</sup> Dionísia Gonçalves Pinto, (Papari, atual Nísia Floresta, 12 de outubro de 1810 — Rouen, França, 24 de abril de 1885) foi uma educadora, escritora e poetisa brasileira considerada por muitos estudiosos como a primeira feminista do Brasil, expondo ainda suas ideias contra a escravidão negra e indígena. Para um melhor entendimento sobre seu pensamento, consultar: (SILVA, 2014).

<sup>5</sup> Mais informações sobre o que a historiografia convencionou chamar de ‘primeira onda do feminismo’ no Brasil, ver: (PINTO, 2013).

classe e raça bem definidos que não tornavam a difícil situação das mulheres brancas da classe trabalhadora, bem como das mulheres negras (durante e após a escravidão) que conheciam muito bem a opressão do mundo do trabalho, suas principais pautas (CARNEIRO, 2003, pp. 117-133).

O século XIX terminava com alguns avanços para causa emancipatória como a legislação relativa à educação feminina em 1827, a criação de escolas, a abertura de cadeiras no magistério para professores de escolas femininas e mistas e a criação de escolas normais formativas dos(as) profissionais atuantes nas escolas primárias e a regulamentação do ingresso de mulheres nas instituições de ensino superior em 1879. Todavia, a Proclamação da República não trouxera plenos direitos políticos às mulheres; estas ainda impossibilitadas de votar e disputar pleitos eleitorais e em busca de acesso ao mercado de trabalho (no caso do acesso ao mercado de trabalho, falamos especificamente das mulheres brancas de classe média).

Nesse sentido, entre alguns marcos da luta emancipatória feminina junto ao Estado no começo do século XX, podemos destacar a fundação do Partido Republicano Feminino (PRF) em dezembro de 1910, na cidade do Rio de Janeiro liderado pela educadora, eleita presidenta da agremiação, Leolinda de Figueiredo Daltro e pela primeira secretária a poetisa Gilka Machado (MELO; MARQUES, 1990). Composto inicialmente por professoras, donas de casa e escritoras, o PRF buscou promover a cooperação entre as mulheres, bem como a defesa do sufrágio feminino, entendido como primeiro passo para a plena libertação das opressões do ambiente privado e a incorporação das mulheres ao mundo público.

Fruto da força e da luta dessas mulheres o debate sobre o sufrágio chegou ao Congresso em 1917, por parte do deputado Maurício de Lacerda, que apresentou a emenda nº. 47, de 12 de março daquele ano, que alterava a lei eleitoral de 1916, e incluía o alistamento das mulheres maiores de 21 anos. Logo, essa emenda despertou reação contrária por parte de determinados setores da imprensa, como podemos notar nessa charge, figura 14, da revista ilustrada carioca *O Malho*, de 23 de junho de 1917:

Figura 1 - "O voto a's mulheres: quadros de futuro".



Fonte: (O MALHO, 23 jun. 1917, p. 25).

Na charge de *O Malho*, evidencia-se a crítica ao projeto do deputado Mauricio de Lacerda, a partir do temor de que a possibilidade da mulher votar e ser votada subverta, transtorne a ordem do mundo patriarcal. Segundo a charge o resultado futuro do sufrágio estendido às mulheres seria o passaporte a uma ampla cidadania que inverteria os papéis de gênero: A vó fumando um cachimbo e lendo um jornal chamado “o sufragista”, o avô costurando, o menino brincando de boneca e a menina jogando futebol, o homem dando mamadeira ao filho enquanto a mulher, sozinha, vai à Câmara dos Deputados “deitar o verbo pela salvação da pátria”.

As mulheres aparecem para esses homens como seres ameaçadores, elas não podem usufruir da cidadania plena, porque inverteriam hierarquias entendidas enquanto naturais. Elas não podem ter voz, pois o verbo, como nos lembra Michelle Perrot, “é o apanágio dos que exercem o poder. Ele é o poder. Ele vem de Deus, faz o homem e exclui as mulheres do ato religioso, do poder e do político” (PERROT, 2005, p. 319). Às mulheres apenas o espaço privado, sua voz? Um risco! Elas são representadas assim como o *Outro* do masculino, restritas ao mundo privado, murado, da vida familiar e às atividades de cuidado da família, já os homens estariam



associados aos espaços públicos, à liberdade, e às atividades consideradas de maior prestígio em uma sociedade burguesa.

A emenda apresentada por Mauricio de Lacerda seria rejeitada pela Comissão de Justiça, cujo relator Afrânio de Mello Franco a julgou inconstitucional e ainda afirmou: "As próprias mulheres brasileiras, em sua grande maioria, recusariam o exercício do direito de voto político, se este lhes fosse concedido" (O VOTO..., 2002). Mas, ao contrário da fala do relator Afrânio de Mello Franco, muitas mulheres queriam votar e por isso lutaram. O veto, portanto, não significou um arrefecimento das lutas emancipatórias femininas e/ou feministas, por exemplo, em novembro de 1917, o Partido Republicano Feminino promoveu uma marcha pelos direitos das mulheres pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, com a participação de cerca de 90 mulheres (SOHEIT, 2012, p. 106).

Mulheres questionando o papel social de dona de casa e mãe como modelos universais de feminilidade cuja principal virtude seria justamente a admissão da fraqueza feminina e a submissão perante uma autoridade masculina-familiar implicava uma mutação nas relações de gênero, advindas com a modernidade inconcebível para homens, como Gustavo Barroso que viam seus limites de mundo e de mando cada vez mais desordenados, ameaçados. E é justamente mulheres enquanto agentes ameaçadoras, conspiradoras, tentadoras e traidoras, mais uma imagem de controle, reforçada narrativamente por Gustavo Barroso que podemos observar ao longo do seu livro *A Ronda dos Séculos* (1920).

No conto *O Rei da máscara de ouro*, o "Todo Poderoso, o Grande Rei, o esmagador de Inimigos" Tugultipalesharra "o terror da Asia", mantém um harém repleto de "belezas femininas" que passavam o dia a esperarem o chamado do rei e a se questionarem o motivo do poderoso rei usar sempre uma máscara de ouro com um sorriso; seria por que ele é feio? Ou seria por que ele era imensamente triste? Eram algumas das indagações delas. Até que num certo dia, a preferida das concubinas, Maharana "Uma femea majestosa, branca e torneada pelos deuses, de face divina e olhos negros, profundamente brilhantes e inquietadores" (BARROSO, 1920, p. 34), é chamada para visitar os aposentos reais à noite e confessa às colegas que o seu desejo é ver o que ninguém jamais vira – o temido rosto do rei. E é essa curiosidade que a faz ser "– [...] tão acariciadora e tão attrahente. Eu não amo o rei, que me ama, ó



mulheres! Eu amo o segredo do rei! Prometti á minha propria curiosidade descobri-lo” (BARROSO, 1920, p. 35).

Nessa noite então, Maharana dopa o rei com um sonífero e chama as amigas para ver o rosto dele. “Todas recuaram com um grito de horror, as mãos tapando os olhos”. Retirada a máscara, as mulheres percebem o rosto do rei marcado pela lepra. E na fuga do palácio Maharana é morta pela guarda real (BARROSO, 1920, pp. 37-38). Se o título do conto nos fala do rei da máscara de ouro, a urdidura da trama barrosiana ajuda a construir uma máscara sobre o feminino: as mulheres enquanto seres movidos pela luxúria, pelo interesse e pela curiosidade, agindo em conluio contra uma autoridade masculina que as mantinha sob seus cuidados.

Dessa forma, Barroso reforça a retórica do pensamento cristão sobre a natureza do feminino (as mulheres enquanto portadoras da maldição de Eva) alertando que a traição feminina pode vir a qualquer momento. E o final trágico de Maharana, um alerta de que a partir da tentação e da queda do “paraíso”, o lar do grande homem provedor – no qual seu único papel social seria o de amante do rei – teria como consequência a morte.

A imagem de controle da Eva, mulher enquanto objeto do prazer masculino e símbolo da tentação, do perigo e da perdição, continua no livro *A Ronda dos Séculos*, sendo o enredo principal, como podemos observar em contos como “Krum o troglodita”, “O tambor do adultério” (BARROSO, 1920, p. 53) e “O cinto de castidade” (BARROSO, 1920, p. 167). Às mulheres, em luta pela conquista de novos espaços antes restritos, reivindicando voz e vez enquanto cidadãs plenas em seus direitos, Gustavo Barroso tece narrativas que mais falam de um mundo masculino em crise, em que escrever seria uma forma de dar materialidade a barreiras sociais que estavam sendo esgarçadas pela luta das mulheres.

À mulher branca o lar, a submissão e a vigilância constante, ou seja, ela não poderia viver socialmente sem os cuidados do homem. Se for imigrante sozinha/com filhos pequenos e/ou pobre a negação da entrada no País. Mas qual o papel social que Gustavo Barroso reservara em seus escritos para a mulher negra? Qual imagem de controle ele manipula sobre o corpo e a subjetividade da mulher negra dentro de um sistema de poder articulado por raça, classe e gênero? Como ele usa dessas imagens para ajudar a construir uma realidade de opressão e violência sobre esses corpos?

Abordaremos essa questão a partir do conto: *A Salomé do Sertão* (BARROSO, 1920, pp. 259-267).

### **O roteiro social da mulher negra na escrita barrosiana**

Antes de entramos na análise desse texto é preciso retomar que a escrita barrosiana está inserido numa *formação discursiva* que relaciona diversos saberes que produziram corpos indesejados, no caso específico: o da mulher negra. Essa operação foi realizada, a partir de uma lógica discursiva interseccionando racismo, classe e gênero e construindo a imagem dessa mulher, como o *outro* da masculinidade e da feminilidade desejada. Nesse sentido sua escrita dialoga com um corpus de proposições literárias e científicas que reforçaram lugares sociais assinalados ao gênero feminino e às chamadas raças, segundo um projeto de nacionalidade hierarquizante, desiguais e opressoras.

No conto *A Salomé do Sertão*, Gustavo Barroso nos fala dos primórdios da cidade de Tijuco (século XVIII), hoje Diamantina, que nesses tempos era um acampamento de mineiros, faiscadores e bandeirantes (BARROSO, 1920, p. 259), “raça de mestiços e de lutadores” que constituíram “o Brasil geographically” (BARROSO, 1920, p. 260). Sobre as características desse povo mestiço, Barroso destaca: “homens sem amor á terra e sem o desejo de morar, as paixões e os vícios eram delirantes, frenéticos, irresistíveis. Jogava-se com loucura em baiúcas ignobeis dirigidas por judeus emigrados dos reinos. Bebia-se terrivelmente. Matava-se á menor rixa” (BARROSO, 1920, p. 260).

Notemos aqui algo que foge ao escopo *deste* texto: a construção da figura do mestiço que Gustavo Barroso define o que serem os vícios atávicos característicos dessa determinada raça. Atentemos também que para Gustavo Barroso a origem da nossa nacionalidade está no passado colonial ligada a atuação do bandeirante, visto enquanto homem branco que, a partir da experiência andeja, definiu a silhueta do Brasil.

Pois bem, a história começa a se desenvolver quando o português João Fernandes de Oliveira, foi jantar na casa de um antigo bandeirante, Gaspar Carrilho, e antes de ir à mesa foi convidado por um dos filhos de Gaspar a ver o “grande

batuque que os negros faziam na senzala, ao qual viriam escravos das fazendas da redondeza, com a licença dos seus senhores”

Ao meio de um pateo atijolado, onde fumavam fogueiras e fachos, á frente duma fileira de casinholas caiadas de branco, tinha logar o batuque. Acocorados a um canto, carateando, com trejeitos exquisitos, dois negros velhos, da Outra-Banda, que ainda não sabiam a lingua da terra em que trabalhavam, tocavam em pandeiros rudes um especie de baião primitivo, repisado, hieratico, selvagem e ao mesmo tempo de uma barbara sensualidade. E ao som desses instrumentos africanos, negros e negras, mulatos e mulatas, curibocas e cafuzes, em promiscuidade, dansavam lentamente, fetichicamente, farandolando á luz crua das fogueiras (BARROSO, 1920, p. 261).

A descrição da cena já confere o mote de como esses personagens, pessoas negras, são dadas a ver em sua narrativa: selvagens, exóticos, bárbaros, sensuais, promíscuos. Barroso opera assim com seu conceito eurocêntrico de civilização, determinando a construção da inferioridade negra em todos os seus aspectos. A cena continua:

Cantava um com a voz soturna qualquer coisa que se não entendia bem e os outros todos, em côro, repetíam em estribilho, em que já o dialecto da Guiné ou de Angola se misturava as palavras da lingua forte, maritima e militar dos lusitanos:

– Olêlê, vira moenda!

– Olêlê, vira moenda!

De repente, a ronda escura se apartou em duas teorias, que quasi pararam ficaram alinhadas, sapateando. E, no espaço que entre ellas medeiou, uma mulata clara, de saia gommada, cabeção de rendas, que os bicos duros dos peitos apunhalavam, começou a dansar sosinha, sensualmente rebolando os quadris e gemendo devagarinho.

Os olhos acinzentados do contractador faiscaram como os dos gatos á noite. Um frêmito de desejo percorreu-lhe o corpo e elle perguntou ao rapazinho:

– “Quem é aquella mulatinha?”

O filho do bandeirante sorriu maldosamente e respondeu:

– A Xica da Silva, escrava do padre Rolim, que sabe lêr e escrever, é inteligente e tem feito andar á roda a cabeça de muita gente boa. Mas ninguem consegue nada...” (BARROSO, 1920, p. 262).

Notemos, as palavras oriundas de Portugal são claras (em todos os sentidos) e fortes. O batuque dos negros escravizados, o som dos seus instrumentos, suas falas, gestos, danças, símbolos culturais, identitários e o próprio corpo negro aparecem nessa descrição associados a escuridão, ao primitivismo e a sensualidade. Todo e qualquer traço cultural da população negra escravizada é, assim, exposto em sua narrativa de forma a desconsiderá-la, apagá-la, a demonizar suas características.

O corpo negro está, por assim dizer, reduzido a coisa, a objeto, a mercadoria primitiva e sensual. E é a partir dessa imagem que Gustavo Barroso (nos) apresenta a (sua) personagem Xica da Silva, do conto *A Salomé do Sertão*, participando de uma *formação discursiva* que, segundo a historiadora Júnia Ferreira Furtado (2003), desde o século XIX, partindo de forma hegemônica da ótica masculina-branca de moral cristã, e sendo reeditado por outras produções literárias, cinematográfica e televisiva ao longo do século XX, “criaram novos estereótipos, descrevendo uma Chica distante da mulher de carne e osso que viveu no arraial do Tejuco, dos anos 30 a 90 do século XVIII”<sup>6</sup>.

Respaldado pelo discurso eugenista, Gustavo Barroso apresenta Xica da Silva enquanto uma mulata<sup>7</sup> clara, portanto, fruto da miscigenação, conceito esse muito utilizado, como nos adverte Angela Davis (2016, p. 39), pelas teorias sociológicas clássicas para aliviar o verdadeiro nome do que ocorreu em sociedades escravocratas: estupro. E, dessa forma, fabricar a ideia de que esse processo de miscigenação brasileiro se deu de forma harmônica e consensual, o que acaba silenciando violências e também as resistências que essas mulheres negras impunham.

Voltemos ao conto:

O delírio da África foi a molestia que matou Portugal. A sede de navegação e de conquista despovou-o. As guerras de Ceuta e Tanger arruinaram-no. Nos areais marroquinos foram aprisionados infantes da casa real e lá se travara a batalha em que se perdera, com o rei, a liberdade e o futuro da nação. A alma portuguesa anciava pela África e era talvez ainda o atavismo dessa ancia, desse desvario, que impelia para os braços das negras os rudes lusitanos que colonisavam o Brasil.

João Fernandes não resistiu à molestia ancestral. Comprou por uns bons cruzados a mulata dansarina. (BARROSO, 1920, p. 262-263).

Eis, nesse trecho, aquilo que Mbembe fala em *Crítica da Razão Negra*: o racismo se reproduz, estabelecendo um vínculo permanente entre o ser negro, uma África imaginária e a escravidão (MBEMBE, 2014, p. 223). É a partir desse vínculo

---

<sup>6</sup> Furtado discute a maneira como Francisca da Silva de Oliveira, mais conhecida por Chica da Silva ou Xica da Silva, se tornou a partir da narrativa pioneira de Joaquim Felício dos Santos numa das pouquíssimas personagens femininas do século XVIII a se tornar objeto historiográfico, apesar de não pertencer à elite branca portuguesa. Ora sendo descrita como negra, ora como mulata clara, escura e mesmo morena, mas à Chica da Silva sempre coube ser vista partir do prisma da sexualidade exacerbada das pessoas negras, notadamente das mulheres. Ver: (FURTADO, 2003, p. 284).

<sup>7</sup> Essa expressão que, na língua espanhola, referia-se ao filhote macho do cruzamento de cavalo com jumenta ou de jumento com égua, ainda é muito utilizada em pleno século XXI, dizendo muito sobre como o racismo e a opressão vão se naturalizando também por meio de sutilezas e de aparentes elogios em nossa sociedade.

que Gustavo Barroso culpa a vítima por toda exploração e violência sofrida. Não importa se Xica da Silva era uma “mulata clara”, descrita enquanto uma escrava que “sabia lê e escrever, é inteligente”, para Barroso a sensualidade e a selvageria afloram nela justamente por serem elementos biológicos e geograficamente herdados, pois na construção narrativa barrosiana, Xica da Silva – naturalizada – e a (imaginária) África – antropomorfizada – são a mesma coisa: mulher sempre disposta, tentação e perdição do homem-branco-português-católico, este sim, vítima dela e de uma fraqueza, inerente à sua própria raça o – “delírio da África”.

Assim, Barroso articula, através de uma narrativa temporal e espacial, imagens de um passado que se pretende cientificamente histórico para falar de um presente, o qual ele entende caótico e ameaçador, pois para ele, assim como antes, essa relação promíscua entre raças e territórios diferentes levaria a sociedade à perdição do “futuro da nação”. Destarte, Barroso pelo discurso do poder<sup>8</sup> faz uma escrita colonizadora do corpo do *Outro*: a mulher negra, ponto de encontro das opressões de raça, gênero e classe a ser eliminada, se possível não mais pelo suplício nos pelourinhos, mas por métodos mais assépticos, como a criminologia e a eugenia.

Não por amor, mas sim seduzido, encantado, traído por uma patologia que Barroso denomina de “delírio da África”, a mesma que derrubou o soberano de Portugal, João Fernandes finda se “amancebando”<sup>9</sup> com Xica da Silva. O termo amancebar que significa juntar-se em concubinato, sem vínculos oficiais, já mostra os limites nas relações familiares da sociedade da época em que o pacto informal entre o português e a descendente de africanos, como nos lembra Júnia Furtado, “não era adequado e até mesmo possível legalizar sua relação, pois, todos os pedidos de casamentos eram analisados pelas autoridades eclesiásticas portuguesas e os que envolviam consortes em condições de nascimento ou raciais diferentes eram

---

<sup>8</sup> Aqui é preciso lembrarmos de Foucault (1979, pp. 146-148) para quem nas sociedades capitalistas e burguesas, “nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder” que penetra no corpo e nele encontra-se exposto, poder que não tem apenas a função repressora, mas que produz saber(es).

<sup>9</sup> Segundo Júnia Ferreira Furtado (2001, p. 41), o sexo foi determinante nas condições de acesso à alforria nesse momento histórico, fato que a historiadora afirma a partir da evidência de que “a maioria dos escravos alforriados, quando adultos eram mulheres, o inverso acontecia quando se tratava de crianças, sendo o sexo masculino majoritário, pois neste caso a maioria constituía-se dos filhos nascidos das relações mistas. Quanto aos adultos, isto se explicava pela conformação econômica e social da região, pois as negras de ganho e as mulheres que viviam em concubinato com os homens brancos tinham maior facilidade de acesso a um pecúlio, sendo mais difícil para os homens de cor ter acesso a um ganho extra que lhes permitissem comprar suas liberdades”.

negados” (FURTADO, 2001, p. 54). E nessa condição João Fernandes viveu feliz e próspero quatros anos com a “mulata do batuque” (BARROSO, 1920, p. 264), até o momento em que no conto entra em cena o personagem do judeu Isaias Mafra, mercador de joias e sua “filha” Judith, descrita como “flôr de Israel”, diz ele “linda e perfumosa com languidos requebros orientaes no seu corpo harmonioso e uma preguiça sensual em cada um de seus menores movimentos” (BARROSO, 1920, pp. 263-264).

Importante destacar como Barroso descreve até agora as mulheres desse conto, uma negra e uma oriental, ambas aparecem como objetos sexuais e exóticas, a encantar os homens com suas danças sensuais, mas Xica, em sua cena de apresentação é envolta em um ar de selvageria e primitivismo, já Judith não, ela “tinha olhos e cabellos escuros como uma noite tempestuosa e a face tão clara e macia como um céu enluarado” (BARROSO, 1920, p. 263). Portanto, características que estão ligadas às belezas naturais e ao mistério. Notemos assim que Gustavo Barroso molda modelos opostos de feminilidade, a partir da cor da pele e da condição financeira das personagens, embora a imagem da mulher sedutora permaneça em ambas.

Interessante também a forma como a imagem do judeu Isaias Mafra é apresentada, “caracter interesseiro e infame”, que vende Judith como uma “peça de fazenda ou mólho de pepitas auríferas” (BARROSO, 1920, p. 264) para João Fernandes. Depois ficamos sabendo que Judith não era filha do “esperto” Isaias, mas sim uma “judia de baixa condição” usada como plano para ganhar dinheiro. Destacamos, assim, o aparato discursivo movido por Gustavo Barroso para construir a imagem depreciativa dos judeus<sup>10</sup>, enquanto emigrados não afeitos ao trabalho digno, uma vez que são sempre associados a avareza, seja através dos jogos por eles dirigidos (LESSER, 1995, p. 260), seja através de tramas que envolvem mentiras e até mesmo a vendas de pessoas.

---

<sup>10</sup> Acreditamos que a visibilidade judaica e a sua respectiva aversão presente na narrativa barrosiana está inserida na conjuntura histórica analisada por Lesser sobre a questão judaica no Brasil: “[...] preocupação acerca de sua assimilação e integração. [...] Imaginações inflamavam-se e os anti-semitas encontraram um alvo [...] um pequeno grupo de judeus imigrantes operando no Brasil como rufiões e prostitutas. [...] o que realmente separava os judeus dos demais imigrantes europeus no Brasil e os tornava objeto de exame minucioso por parte dos não-judeus era sua concentração em uma série de ocupações bastante visíveis. [...] a atividade de mascate e o comércio de tecidos, nas quais haviam obtido rápido sucesso. Seu enriquecimento crescente fez aflorar o racismo e anti-semitismo latentes na sociedade que os rodeava. (LESSER, 1995, p. 66).



Uma vez que Xica se faz sabedora do envolvimento de João Fernandes com Judith, Barroso passa a dar relevo a uma outra característica de Xica da Silva:

A mulata soube por portas travessas da infidelidade do amigo e seus ciumes tropicaes quasi a suffocaram deraiva. **Tinha no sangue**, misturados, o odio dos brancos aos roubadores de amor e a ardencia africana, cujo o cíó é mais forte que o dos chacáes e dos simios. Toda aquella quentura que o portuguez tanto adorava nos brinquedos nocturnos do leito se transmudou num zelo de besta-fera, num egoismo tigrino pelo ente amado, que queria só seu, sem partilha com outra, quanto mais com outra que era mais bella e sobretudo branca!

Ensauiu retel-o pelos proprios attractivos. Dansou á sua frente núa, com os mesmos reboleios da senzala; enroscou-se ao seu corpo como a sucury se enrola ao touro descuidoso; alisou-lhe as faces com as mãos errantes, maciamente; ofereceu-se toda com a pôlpa dos labios aberta como uma rosa e rescendendo a baunilha e a ortelã. Elle afastou-a e foi dormir na fazendola. (BARROSO, 1920, p. 265, grifo nosso).

Gustavo Barroso expõe assim mais das marcas profundas de uma formação desenvolvida no bojo de uma cultura escravista, na qual representa a mulher negra totalmente coisificada: do corpo-objeto à definição de selvagem, animalasca, Xica da Silva, pelo que ela traz no sangue e na pele, não é humana ou pelo menos é uma quase-humana. A ênfase de sua descrição física enquanto sensual, permissiva, sempre disposta ao jogo sexual, passa agora ao paroxismo de negação de qualquer traço de humanidade em sua personalidade: “cio mais forte que o dos chacáes e simios”, “besta-fera”, “egoismo tigrino”, “sucury”, essas metáforas dizem respeito à dimensão figurativa e ilustrativa, de um bestiário que compõe um quadro de seres considerados assustadores, perigosos, traiçoeiros, assumindo um papel pedagógico que pretende, ao tocar o mundo, organizar certa visão sobre as mulheres negras, lançando determinados sentidos que podem constituir nossa percepção desse mesmo elemento visto como um todo monolítico.

O ser da mulher negra é assim descrito enquanto todo volúpia, selvageria, animalidade e ódio à mulher branca, numa operação discursiva que constantemente (re)produz o ser negra(o), enquanto um corpo de exploração e submissão (MBEMBE, 2014, p. 40).

Haja vista o ardil sensual de Xica da Silva não mais prende João Fernandes, que depois de quatro anos de relacionamento se “contentara já mais ou menos o seu delirio da Africa” (BARROSO, 1920, p. 264), restou-lhe a chantagem para separá-lo do seu novo relacionamento, dado que ela havia roubado do português as provas de

seus contrabandos. Dessa forma Xica da Silva como uma verdadeira “besta fera”, coloca seu plano de vingança contra aquela que “me ia roubando tudo” (BARROSO, 1920, p. 266).

Dias depois era assassinada, na fazendola onde vivia, a linda mulher de Alfama, que o judeu Isaias fazia passar por sua filha. A justiça, apesar de esforços, nunca poudo saber quem tão barbaramente a matou, decepando-lhe a cabeça que jamais se poudo encontrar. E mesmo na noite do crime a vingativa mulata mostrava ao amante horrorizado a cabeça de Judith salgada como a dum porco dentro de uma mala de couro (BARROSO, 1920, p. 267).

A representação literária da mulher negra está assim ancorada no mito bíblico da Salomé, que é reinterpretado por Gustavo Barroso, enquanto a “Salomé do Sertão”, seguindo as teorias raciais de sua época, a partir da figura histórica de Xica da Silva, ajudando a sedimentar a imagem de controle da mulher negra que pode até não mais viver na senzala, mas que carregará em seu sangue a sexualidade exacerbada, a selvageria e a vingança, tidos elementos definidores de seu ser.

*Imagem de controle* que visa a inferiorização das mulheres negras, por meio da oposição binária com uma feminilidade branca desejável e da negação mesmo de sua humanidade, o que fornece a justificativa ideológica para as opressões de gênero, classe e raça mantendo uma lógica excludente que, ao naturalizar e constantemente reatualizar e perpetuar as violências e as injustiças sociais, tornando possíveis funções assassinas do Estado que tem no corpo, na fabricação desse corpo, a partir da lógica binária do ser (in)desejável e sua colonização, como objeto central de toda a sua ação política que objetiva definir modos de reprodução que prefiguram modalidades de discurso através das quais esse corpo indesejável se ficciona até ser capaz de dizer “eu” e de apontar o “ele” enquanto *Outro*.

Técnica de poder que gere a vida e a morte de populações inteiras, que silencia lutas, resistências e trajetórias, que estabelece uma cisão *biopolítica* entre vidas que importam e vidas que não importam. Constituindo o que Mbembe denomina de *altericídio*, ou seja, quando o *Outro* já não é mais visto como um semelhante a si mesmo, mas sim enquanto objeto intrínseca e constantemente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou, devido à incapacidade de controlá-lo, destruí-lo (MBEMBE, 2014, p. 26).

*Necropolítica*, genocídio da população negra – “cripta viva do capital”<sup>11</sup> –, corpos vistos enquanto desimportantes. **Sufocamento**, constantemente (re)atualizado da sua existência, da sua subjetividade, do seu corpo, da sua vida. Vidas negras importam? Vida negras? Negada. Negação mesmo do que Mbembe chama de “direito universal de respirar” (MBEMBE, 2020), vozes que ecoam ao som de uma última sentença que se repete no *continuum* da nossa história: “I can’t breath” (eu não posso respirar).

## Considerações Finais

Buscamos problematizar a partir da análise do discurso de Gustavo Barroso, inserido no ordenamento discursivo sobre indesejáveis e ecoando as vozes das elites da Ordem e do Progresso, a produção de corpos (in)desejáveis durante o prelúdio republicano. Mais especificamente a inscrição de roteiros sociais atribuídos ao ser feminino com o objetivo de construir determinadas realidades em que o controle, a partir da fixação de determinadas imagens, servem a uma dinâmica de poder que molda diversos tipos de violências e que são o *continuum* da nossa história.

As forças que conduzem essa ordem que marcha triunfal sobre tempos, espaços e corpos (in)desejáveis o fazem inscrevendo seu movimento como algo inescapável, “lei natural da história”, progresso, técnica moderna, racionalizada, planejada metódica e burocraticamente que produz violência e indiferença, a partir de determinadas relações de poder que não cessam de falar do homem, enquanto o massacra e asfixia a quase totalidade da humanidade. Produção histórica que fez-se a partir da lógica binária dos desejáveis e indesejáveis.

Produção histórica que uma vez iluminada pela luz dos combates de hoje colocam “incessantemente em questão cada vitória que couber aos dominantes” (LÖWY, 2005, p. 58), porque minam sua legitimidade no passado e no presente. Esse presente saturado de “agoras” que em suas lutas se apresentam enquanto subversivas e explosivas, capazes de explodirem o *continuum* da história e o seu estado de exceção, de derrubar todas as condições sociais em que o ser humano é um ser rebaixado, subjugado, abandonado, desprezado, e assim construir o verdadeiro

---

<sup>11</sup> O corpo negro enquanto cripta viva do capital, faz referência ao corpo negro coisificado em sua carnalidade e mercantilizado em seu espírito (MBEMBE, 2014, p. 19).

estado de exceção, sobre o qual nos fala Walter Benjamin em suas *Teses sobre o conceito de história*.

### **Bibliografia:**

BASSANEZI, Maria Silva Casagrande Beozzo. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1.ed. São Paulo, SP: Contexto, 2012, v. 1. p. 169-193.

BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividade no pensamento feminista negro**: uma possibilidade de leitura da obra *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* (2002) a partir do conceito de imagens de controle. 2019. 167f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Direito, São Leopoldo, RS, 2019. Disponível em: [http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/8966/Winnie%20de%20Campos%20Bueno\\_.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/8966/Winnie%20de%20Campos%20Bueno_.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 12 jun. 2020.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948/11520>. Acesso em: 14 jun. 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jámille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

DANTAS, Elynaldo Gonçalves. **GUSTAVO BARROSO, O FÜHRER BRASILEIRO**: Nação e Identidade no discurso integralista barrosiano de 1933-1937. 1. ed. João Pessoa: Ideia, 2015.

DANTAS, Elynaldo Gonçalves. **OS (IN)DESEJÁVEIS**: Tempo, espaço e identidade na escrita de Gustavo Barroso (1912-1920). 2021. 293 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Ceará/Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/63202>. Acesso em: 12 mar. 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador dos diamantes**: o outro lado do mito. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FURTADO, Júnia Ferreira. Família e relações de gênero no Tejuco: o caso de Chica da Silva. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 24, p. 33-74, 2001. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4boae8c3b97a702/t/572b50fff699>

bb2283a2d340/1462456577154/02\_Furtado%2C+Junia+Ferreira.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica**: imigração, diplomacia e preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. Uma leitura das teses 'Sobre o conceito de História', São Paulo, Boitempo, 2005.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. 1. ed., Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **O direito universal à respiração**. [Texto online]. N-1 edições. 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/020?fbclid=IwAR1WsRKZccESiKkueh5Zr25L1SGGPE5pWsyDSz5w40UoKxT56bTj2RtiCyc>. Acesso em: 16 jun. 2020.

MELO, Hildete Pereira de; MARQUES Teresa Cristina de Novaes. *In: Verbetes CPDOC*. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20FEMININO.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru: Edusc, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

SILVA, Elizabeth Maria da. **Mulheres emancipai-vos!**: um estudo sobre o pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta. 2014. 215f. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, PósGraduação em Educação Contemporânea, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11285/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Elizabeth%20Maria%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020.

SOHEIT, Rachel. Movimento de mulheres: a conquista do espaço público. *In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). Nova história das mulheres no Brasil*. 1.ed. São Paulo, SP: Contexto, 2012, v. 1. p. 106-116.

STOLCKE, Verena. A "Natureza" da Nacionalidade. *In: MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Cláudia Barcellos (Orgs.). Raça como retórica*: a construção da diferença. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

## FONTES

BRASIL. Congresso Nacional. **Diários do Congresso Nacional**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, ano. XXVII, n. 118, p. 2808-2834, 19 set. 1916. p. 2823.

Disponível em:

<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD19SET1916.pdf#page=>. Acesso em: 13 ago. de 2019.

BARROSO, Gustavo. **A Ronda dos Séculos**. Rio de Janeiro: Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

FON-FON. **Ganhar dinheiro**. Rio de Janeiro, n. 38, p. 19-20, 16 set. 1916.

Disponível

em:[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/fonfon/fonfon\\_1916/fonfon\\_1916\\_038.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1916/fonfon_1916_038.pdf). Acesso em: 12 mar. 2021.

FON-FON. **Frangotes!** Rio de Janeiro, n. 12, p. 19, 24 mar. 1917. Disponível em:

[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/fonfon/fonfon\\_1917/fonfon\\_1917\\_012.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1917/fonfon_1917_012.pdf). Acesso em: 12 mar. 2021.

O MALHO. Rio de Janeiro, n. 771, p. 25, 23 jun. 1917. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/116300/34623>. Acesso em: 14 jun. 2020.

O VOTO feminino. **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**, São Paulo, 13 ago. 2002. Disponível em: [www.al.sp.gov.br/noticia/?id=262455](http://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=262455). Acesso em: 4 set. 2022.

***Recebido em Abril de 2022***  
***Aprovado em Setembro de 2022***